

Oliveira Lima: Cidadão do Mundo

Renato Carneiro Campos (*)
Sociólogo

Quem pode viver sem julgar? Talvez, o imbecil e o santo. Mas o próprio santo — se é que ele existiu ou ainda existe, ao repudiar o mal, ao indicar caminhos certos, ao apontar os erros dos pecadores, não deixa de julgar. Há uma única frase, não me lembro dita por quem, que atenua qualquer forma de julgamento: “Compreender é amar e perdoar”. Como é difícil e quase impraticável tão doce conselho. Como custa controlar o impulso de S. Pedro para cortar a orelha do inimigo. O Cristo não baixou o chicote no lombo dos vendilhões do templo? Pelo menos, é certo, deve-se tentar compreender as atitudes dos outros, antes de se formar uma opinião. Atender às circunstâncias de cada um no sentido orteguiano, ou à moral de cada situação segundo as intenções sartreanas. O passional Péguy, apesar de todo o ardor com que se converteu, insurgia-se contra o ensinamento bíblico: “Não julgueis para não serdes julgados”. Para ele, conviver

(*) — Diretor do Departamento de Sociologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

era julgar. Tudo que estou dizendo, agora, pode parecer uma divagação, mas asseguro que muito tem a ver com a História. É difícil para o historiador ficar neutro entre os dois lados que tantas vezes se entrecrocaram nas lutas de classes, representantes do velho combate entre os vendilhões do templo e os revolucionários românticos, com outras roupagens, em outros lugares, em épocas diferentes, mas fiéis a um mesmo princípio. Sobra razão a José Honório Rodrigues: "Esta História que serve a vida deve julgar. Sim, julgar sem receio de ser acusada de parcial, pois se devemos ser interessados na vida, devemos servi-la desinteressadamente". Conclui de modo incisivo: "Já tive oportunidade de escrever que sem justiça a República não é República, e que sem julgamento a História não é História".

Todos conhecem o velho ditado: "Criticar é muito fácil". É ditado preparado para os que estão placidamente acomodados em seus erros. Acho o contrário: é muito difícil a crítica. Entenda-se a palavra crítica não como insulto ou nome feio que se atira ao semelhante. Criticar no sentido de entender, de consertar, de acrescentar, sem ironias canalhas, olhos vesgos, mãos cobiçosas, mas com o toque humano de quem estivesse julgando a si mesmo, de quem se confessasse e visse na fraqueza alheia um pedaço de sua fraqueza, sentindo também no criticado a possibilidade de se tornar melhor, ao invés da atitude dos campeões, dos sectários, dos únicos donos da verdade.

Oliveira Lima foi um homem que não sabia viver sem julgar. Julgou severamente alguns dos seus contemporâneos, sistemas de governo, obras literárias e artísticas e até o seu país e o lugar onde nasceu. Um gordo numa cidade magra. Um gigante corado numa terra geralmente de "amarelinhos". Lançando um olhar retrospectivo sobre a sua vida e a sua herança, como também sobre a época brasileira em que ele viveu, mesmo não aceitando algumas de suas atitudes e opiniões, compreende-se até certo ponto o motivo por que ele es-

creveu o que escreveu e o modo pelo qual o fez e a sua maneira de viver e conviver. Naquele tempo, no Recife, como ainda hoje, um forte individualismo e um frágil sentido de coletividade faziam que a inveja transbordasse. É célebre a frase que lhe atribuem: "Se algum dia for feita a geografia dos sentimentos humanos, a parte da inveja caberá, certamente, a Pernambuco". Sempre houve nesta velha província o combate entre a generosidade e a maledicência. A vitória aqui, um tanto ibericamente, dificilmente é perdoada.

Abreu e Lima, o conquistador de Nova Granada, herói sul-americano, regressou a Pernambuco para, depois de muitas lutas menos sangrentas porém bem mais difíceis contra a incompreensão dos seus conterrâneos, terminar por ser enterrado no Cemitério dos Ingleses; Nunes Machado, estando no Rio, veio ao Recife para prosseguir no combate. Disse aos amigos: "Volto para morrer", adivinhando o trágico destino que o esperava. Joaquim Nabuco, nesta mesma cidade, foi vaiado muitas vezes, alvo de trovinhas debochadas, chamado de "cochichinico frango", mas desejou, apesar de tudo, descansar para sempre em terras pernambucanas. Qual a razão, no entanto, para Oliveira Lima, no fim da vida, não mais de-sejar ver o lugar do seu nascimento? Quais os motivos de ter escolhido um lugar estrangeiro para a última morada? Por que ser enterrado com beca de universidade norte-americana e constar do testamento a doação dos seus livros à Universidade Católica de Washington? Desprezo por Pernambuco e pelo Brasil? Não se sentia nem brasileiro nem pernambucano? Excesso de admiração pelos Estados Unidos? Ressentimentos? Quando Joaquim Nabuco foi criticado por Oliveira Lima, chegando à quebra das relações pessoais, dirigiu-se a Graça Aranha: "É singular e raro tudo isso. Estará possuído só de ódio ou também de ambição? É mais ressentimento ou cálculo?" Os seus amigos e admiradores ainda não responderam a estas perguntas de maneira que me satisfizessem.

Era uma alma grande num corpo grande, bem sei. Alma que abrigava grandes contrastes. Sancho Pança na aparência de gordo — D. Quixote em diversas ocasiões; diplomata nas tarefas oficiais — antidiplomata na convivência com muitos dos seus contemporâneos; monarquista por coração — republicano por participação e serviços; racista disfarçado, embora declarasse o contrário — defensor da entrada de Lima Barreto na Academia, um dos poucos a defender o trágico romancista da vida carioca; escritor apolíneo e de prosa bem comportada — fascinado pela linguagem distorcida e quase desvairada de Euclides da Cunha; admirador das honestas atitudes dos heróis da revolução de 1817 — defensor de D. João VI; ocidental por nascimento, formação e gosto — escreve com seu melhor entusiasmo sobre civilizações orientais; filho de imigrante português, antigo caixeiro, enriquecido no comércio — procura e se deixa seduzir pela convivência com fidalgos, casa-se com pernambucana da chamada aristocracia canavieira, neta da Viscondessa de Utinga, educada por preceptora inglesa; ambicioso, merecidamente, de ocupar altos cargos políticos — desdenhoso de atividades partidárias. Depois de viver 17 anos em Lisboa, desde os 6 anos de idade, regressa ao Brasil, casa-se com brasileira, escreve o primeiro livro sobre Pernambuco, ainda na Alemanha, já no serviço diplomático. Não tinha a gargalhada do gordo, mas o riso fino e malicioso do magro. De formação européia, diplomaticamente formado à sombra da grande escola do Barão de Penedo, na Inglaterra, deixa-se fascinar pelos Estados Unidos, sem deixar de reconhecer alguns de seus defeitos.

Como vêem, Oliveira Lima não era uma figura fácil de ser compreendida. Às vezes, ao olhar o seu retrato na sala de conferências do I.J.N.P.S., tenho a sensação de olhar para alguém profundamente enigmático, com toques de esfinge, como se algo de sua personalidade jamais tivesse sido revelado. Sinto-me atraído a descobrir o íntimo de sua alma, que ele sempre procurou esconder com um pudor de elefante. Não

era desses que, logo nas primeiras horas de conhecimento, a pessoa pudesse dizer, como se diz de qualquer filisteu, que a sua vida fosse límpida e transparente. Tenho a impressão que não se revelava, no mais secreto, mesmo diante dos observadores considerados mais argutos. Não sei porque, ao ler e ouvir o que se disse sobre ele, pressinto que ainda restou alguma coisa para se dizer, para se interpretar e analisar a respeito dos conflitos que sempre procurou esconder. Nunca foi homem, segundo os que o conheceram mais de perto, de confidências demasiadamente íntimas. As suas *Memórias* — incompletas, é bem verdade — são mais para falar das fraquezas alheias. Não têm as revelações ousadas de autocrítica das de um Jean Jacques Rousseau. Das de Medeiros e Albuquerque e Lima Barreto, por exemplo, para falar de escritores brasileiros seus contemporâneos. Havia nele muito de recato burguês. Não seria, ainda, certo receio de ridículo, temor de como gordo, já tendo um tanto vulnerável a aparência física, dar mais ensejo às explorações dos inimigos, ao confessar as suas fraquezas humanas? O mesmo temor que assaltava Balzac e Sthendal como gordos? O primeiro chegava a se mimetificar, disfarçar a gordura com trajes supostamente elegantes, pretender nome de nobre, rodear-se de objetos finos de arte, e o segundo a procurar escrever à maneira do Código Civil, esconder-se por trás de pseudônimos, desejar mulheres débeis e pálidas. A agressividade do célebre Dr. Johnson não seria uma defesa do ridículo da crítica que pudesse provocar um corpo com feições plebéias, arredondado pela mesa farta e o vinho sem medidas?

Pouco se sabe da vida íntima de Oliveira Lima. O que se conhece dos momentos de maldade, das fraquezas confessadas, dos defeitos comuns a toda pessoa humana? Das mulheres que ele amou ou admirou em segredo? Era um aristocrata ou um burguês polido? Conservador ou liberal? Teria sido, realmente, mais brasileiro do que português? O que se conhece da infância e adolescência passadas em Portugal? Qual

a causa mais íntima de um monarca português, perseguidor de pernambucanos, ser defendido ardentemente? Seria uma maneira de permanecer fiel à terra do pai, a quem, aliás, é dedicado o livro, ou ao país onde passou grande parte da infância e da mocidade? A balança terá se inclinado para o lado português?

Oliveira Lima acusou Joaquim Nabuco de se deixar levar muito pelo país onde servia. José Veríssimo, entre muitos elogios, encontra uma brecha para, de certo modo, dizer o mesmo dele, ao comentar o seu livro sobre os Estados Unidos. Gostava do engenho Cachoeirinha, dos quitutes pernambucanos, das compotas sempre presentes em sua mesa, em Washington, no dizer de Gilberto Freyre. Mas onde encontramos o gosto por festas populares, comidas de rua, religiões do povo, intimidade com as camadas mais populares? Não escondia: "Abomino o carnaval, mesmo fluminense, espetáculo grandioso de desmoralização nacional, mas esquivo-me quanto posso às cerimônias da igreja, tanta fartura tive delas". O que o enternece, nas *Memórias*, mais do que os restaurantes regionais brasileiros, são as pastelarias lisboetas.

O próprio Gilberto Freyre me declarou, certa vez, que o ensaio que escrevera sobre Oliveira Lima, *O D. Quixote Gordo de Parnamirim*, não o satisfazia de todo. Ensaio de admiração merecida, no qual transparece também o reconhecimento do adolescente quase-menino pelo diplomata e historiador glorioso, perdurando no escritor já adulto. É Gilberto Freyre agradecendo o acolhimento que o grande homem dera ao estudante tímido que o fora procurar, que lhe franqueara a imensa biblioteca, que o apresentara a importantes figuras da época, que o orientara nos estudos da sociedade patriarcal brasileira. Não terá o autor de *Casa-Grande & Senzala*, não digo camuflado, mas se resguardado de certas interpretações mais profundas em atenção ao mestre e amigo, ao contrário do que fez nos intensos e agudos ensaios, hoje já clássicos, sobre Euclides da Cunha, D. Pedro II e Augusto

dos Anjos, contidos no mesmo livro, bem diferentes dos que ele escreveu sobre Oliveira Lima, Estácio Coimbra e Pedro Paranhos? Para se escrever um penetrante perfil biográfico, uma biografia convincente, um interessante e explicativo estudo de personalidade, admiração, respeito, inteligência, arte de escrever não são tudo, pois é necessário haver também empatia, a pessoa se sentir um tanto o autor analisado. A mesma empatia que aconteceu com Boswel em relação ao Dr. Johnson, de Eça de Queirós em relação a Disraeli, de Sartre em relação a Baudelaire. Uma empatia que transforma uma biografia quase em autobiografia. A pessoa se sente um tanto a pessoa que está sendo biografada. É que nas últimas figuras citadas — Oliveira Lima, Estácio Coimbra e Pedro Paranhos, — Gilberto Freyre à maneira de um Strachey, ao interpretar a Rainha Vitoria, vislumbrou pedaços do próprio Pernambuco, acabando mais por acrescentar do que subtrair. Mais do que a figura insípida da Imperatriz, quase um Pedro II inglês de saias, o historiador inglês via o Império, a figura romântica de Disraeli, o orgulho das conquistas, o esplendor de uma nação. O escritor brasileiro, posteriormente, ampliou o seu trabalho sobre o autor de *D. João VI no Brasil*. Surgiu um livro para reabilitar, desfazer calúnias, muitíssimo bem escrito, revelador de um Ekerman maior do que o mestre. Faz pensar nas palavras de Ruskin: "Toda crítica de arte, em qualquer época, deve ser parcial, mais ou menos influenciada pelos instrumentos que ligam o crítico ao autor da obra analisada".

Confessa Oliveira Lima: "Dizia Joaquim Nabuco que eu era um homem feliz porque em mim nenhum "rabo de palha" assentava. Este era um caloteiro, aquele um jogador, aquele outro amigo do vinho... eu era apenas gordo, verdade é que muito além do que o permitia o canon da estética". "A gordura foi meu ponto vulnerável, a pança o meu calcanhar de Aquiles", declara amargamente. Reconhece "nunca ter sido um amador de desportos, por ter sido criado à distância

deles e nutrindo, pela precoce tendência à obesidade, uma invencível indolência física revelada pelo atletismo em todas as suas formas". Dos pecados venais, a gula é o que apresenta menores disfarces. Qualquer pessoa, ao olhar um gordo, pode dizer sem medo de errar: "é um guloso". Em carta para Lambert, Sthendal se queixava: "O físico toma seu império sobre mim; não me reconhecerias tão gordo estou ficando". Ele que, como francês possuía o espírito romântico de um italiano, desejoso do amor de belas e frágeis damas, desconsoladamente tropeçava, em suas conquistas, no próprio físico. Contam os biógrafos do autor de *A Comédia Humana* que os escritores menos gordos do que Balzac se sentiam satisfeitos quando ele entrava no salão, com a aparência de plebeu grosseiro, esbaforido pelo esforço de subir as escadas, desabando os seus 90 quilos pesadamente numa poltrona. Contam até que alguns escritorezinhos corriam para o espelho, e julgavam-se com uma aparência mais intelectual, quando na verdade eram magros de corpo e também de idéias.

Gilberto Freyre já disse que o Recife, comparado com outras cidades brasileiras, é uma cidade magra, de sobrados esguios, de ruas estreitas. Cidade de rios também magros e de margens escalavradas, de mocambos magríssimos. A miséria, a grande diferença de classes, a supremacia dos barões do açúcar, a disputa dos sôfregos imigrantes que aqui vêm tentar ganhar a vida com o maior espírito de competição, o desnível social sempre agravado, também faz emagrecer as relações humanas. Já se disse que o Recife, no plano da criação literária, é terra do ensaio e da crítica. Mesmo os melhores poetas, a exemplo de João Cabral de Melo Neto, são poetas que escrevem com lápis de ponta fina, contidos. É da cidade iagamente magra. Até os gordos do Recife, como Oliveira Lima, ainda que a gordura exorbite do físico, são espiritualmente atilados, quase sempre, repletos de autocrítica, desconfiados, esgrimistas da ironia, como a se defendem do riso e do julgamento, tantas vezes, impiedoso dos

seus conterrâneos. São gordos de corpo mas não de espírito. Geralmente, vá o paradoxo: tornam-se D. Quixotes lúcidos, sem tempo para se tornarem Sanchos Panças. Da gordura de Oliveira Lima se aproveitaram os adversários, todos eles menores do que o grande historiador: Medeiros e Albuquerque, Fontoura Xavier, Emílio de Menezes. As pedradas vinham em forma de caricaturas, de versos, de risos e chacotas.

Oliveira Lima fazia questão de cultivar inimizades, de devolver em dobro as ofensas recebidas. As suas *Memórias* me fazem pensar naquele romance célebre, em que um anão, extremamente vingativo e venenoso, cheio de complexos, dizia: "Sou anão mas nada tenho de engraçado". Oliveira Lima era um gordo que nada tinha de engraçado. Era um florentino na sutileza com que procurava atingir os inimigos. Impiedoso no descobrir as fraquezas alheias. Julgava Glicério desonesto; Nabuco com faceirice feminina, sem autenticidade; Assis Brasil, presumido, preguiçoso e ambicioso; Fontoura Xavier também desonesto, medíocre e interesseiro; Rio Branco, vaidoso a ponto de ferir o espírito público; Graça Aranha, chaleira e artificial; Machado de Assis, conveniente, e assim por diante. Acrescente-se à lista: Lauro Muller, Pinheiro Machado, Cochrane de Alencar, Gurgel do Amaral. A alguns demonstrou a sua antipatia ainda em vida, a outros ele deu o troco nas páginas das *Memórias*, depois de morto.

Disse, páginas atrás, que Oliveira Lima era um tanto racista. Ao ler o seu livro *Nos Estados Unidos, Impressões Políticas e Sociais*, encontramos o seguinte trecho, já comentado por José Veríssimo: "Os dois elementos (o branco e o negro) não podem existir aqui com atribuições e destinos iguais: um há de manter o outro em dependência e o vencedor tem de inquestionavelmente ser o elemento branco, dispondo de mais inteligência, mais experiência, mais decisões e mais recursos. Nesse dia desaparecerão por desnecessárias

as atrocidades dos linchamentos, produzidos pela incerteza do futuro e, em última análise, pelo temor do sacrifício dos interesses da civilização européia". Este trecho arrepiou o sereno mestiço José Veríssimo, que vislumbrou aí uma explicação complacente para os linchamentos. São palavras suas: "Desse problema trata em um capítulo especial o Sr. Oliveira Lima, e é curioso que brasileiro, certamente sem os preconceitos de raça que aqui, quando existem, são superficiais e insignificantes, o observador entrou tanto no ponto de vista americano, sofreu tanto a influência do meio, que se não escandaliza por forma alguma, antes aceita como naturais e normais, os termos em que os *yankees* puseram a questão". A crítica vem de pessoa insuspeitíssima, a quem Oliveira Lima chamava de "formosa mentalidade", e dizia ter sido um dos homens a quem ele mais tinha estimado. E o que mais lamenta o crítico brasileiro, com sangue caboclo nas veias, é o seguinte trecho do livro: "A indulgência de nossas opiniões e desmazelo de nossos costumes, impedem-nos de hostilizar o negro em qualquer terreno, mesmo no da mistura de raças. Não seria no Brasil que poderia decretar-se e executar-se uma lei como a que prevalece em vários Estados do Sul da América do Norte, proibindo o casamento entre pessoas de diferente cor". Aliás, não somente este trecho confirma a nossa observação, apesar das declarações de Oliveira Lima ao contrário, em suas *Memórias*, pois há outros na mesma linha que podemos transcrever. Por exemplo, em *Impressões da América Espanhola*, quando diz: "Donde o branco desertou, como de Tobago, resultou um recuo sensível. O negro, não sendo mais coagido ou influenciado, renunciou em larga escala ao trabalho e quase por completo a um trabalho regular, porquanto são limitadíssimas suas necessidades e aspirações. A elevação de idéias do branco é o que unicamente sustém estas terras no seu declínio e por vezes lhe era restituído a fartura".

Diga-se, de passagem, que Oliveira Lima, ao contrário de Nabuco, segundo confissão dele próprio, julgou, por ques-

tões econômicas, a abolição da escravatura precipitada. Lembrou-se do econômico em defesa dos proprietários, esquecendo, porém, as causas econômicas quando em defesa do trabalhador. Colocava para o clima o atraso das plantações canavieiras do norte do Brasil. Anotava ele: "Os nossos senhores de engenho são menos felizes pois que continuam, sob o ardente sol dos trópicos que lhes proíbe ou lhes desaconselha o aturado trabalho direto, a lutar com uma população preguiçosa e destituída de ambições, para a qual a vida se resume no pedaço de carne seca que compram na venda toda semana, e na viola com que acompanham suas queixas passivas e seus apetites animais". Lamento imensamente ter que transcrever este trecho, pois não o considero digno de um historiador e humanista do porte de Oliveira Lima. Mais tarde, Monteiro Lobato incorreria no mesmo erro — erro do qual ele se penitencia, antes de morrer, retificando, felizmente, a imagem que pretendeu dar ao trabalhador rural brasileiro — quando criou a figura do Jéca Tatu. Gilberto Freyre, ao escrever a Introdução do livro *Impressões da América Espanhola*, considera de generalização precipitada a opinião do autor sobre o comportamento do homem de cor no trópico, acreditando que ele a retificaria nos dias de hoje. Oliveira Lima devia saber que não era o clima, nem muito menos a inferioridade racial, pois ela não existe, mas a causa econômica, predominantemente, que ocasionou a degradação do mestiço em algumas áreas do continente sul-americano.

Oliveira Lima nunca perdeu a alma européia. Não o considero um homem dos trópicos. Até mesmo em sua descrição sobre o Engenho Cachoeirinha, em que Aníbal Fernandes e Gilberto Freyre encontraram tanta pernambucanidade, confesso que não consigo descobrir essa pernambucanidade. O Recife, já disse, moldou-lhe a alma, mas um tanto a contragosto. Ao falar do engenho, o que lhe delicia é o clima, o local bom para um sanatório, de 12 graus centígrados no inverno e sem chegar a 30 no verão. Ainda, aí, o europeu. Deixou

o Recife com 6 anos. Passou 17 anos em Lisboa, regressando somente ao Brasil por mãos do cunhado, Araújo Beltrão, ministro diplomático. No livro que escreveu sobre Pernambuco, na Alemanha, reconhece-se o desejo de louvar a terra em que nasceu. O que admiro nele é justamente isto: o esforço para se tornar pernambucano e brasileiro. Uma luta que terminou por cansar. Ao ser aposentado, preferiu Londres para residir, a Londres que tanto seduzia o português anglófilo que foi seu pai, a D. Flora, admirável e fiel companheira, pernambucana fidalga, educada por preceptora inglesa. Terminou por morrer nos Estados Unidos. Ao contrário de quase todos os diplomatas brasileiros, até os mais requintados e cosmopolitas como o Barão de Penedo e Salvador Correia, que quiseram morrer no Brasil, depois de terem passado tantos anos no exterior, Oliveira Lima, depois de desvinculado oficialmente do serviço diplomático, bateu os sapatos da poeira brasileira. Talvez os que me lêem julguem que estou sendo um analista rigoroso pelo fato dele querer permanecer para sempre em terras estrangeiras. Falando de Rojas, disse, certa vez, Miguel de Unamuno: "E como não hei de aplaudir seu nacionalismo eu, que, como ele, fiz cem vezes notar tudo que há de egoísta no humanitarismo? Hei de repetir mais uma vez o que já escrevi várias vezes, e é que quanto mais do seu tempo e do seu país é alguém, mais é dos tempos e dos países todos, e que o chamado cosmopolitismo é o que mais se opõe a verdadeira versatilidade". Ainda diz Unamuno: "Os verdadeiros e bons patriotas se entendem melhor através de suas respectivas pátrias do que os antipatriotas, os humanitaristas de uma humanidade abstrata e utópica. Assim Rojas e eu, ele radicalmente argentino e radicalmente espanhol eu, nos entendemos muito bem".

Oliveira Lima não deixa de demonstrar um disfarçado entusiasmo pelo imperialismo inglês, mesmo que em alguns dos seus escritos póstumos critique certos exageros desse imperialismo. Observa, com muita argúcia, os malefícios do capi-

talismo norte-americano. Em páginas de grande lucidez profetiza a militarização dos Estados Unidos. Entretanto, ceticamente declara num de seus discursos: "O golfo do México já é um domínio americano, se bem que o México conserve a sua independência. Da saída do Atlântico para o Pacífico dispõem os Estados Unidos por meio do canal de Panamá, que mutilou a Colômbia. Por toda a América do Sul trata de fazer-se suprema sua influência pelo caminho da solidariedade. Longe de mim o querer censurar os Estados Unidos por essa sua expansão. Ela é característica das nações fortes".

D. João VI no Brasil é dedicado ao pai do autor e aos mestres portugueses. É a reabilitação de um gordo julgado tolo, sem vontade, sem malícia. Um outro gordo soube bem interpretá-lo, descobrir nele qualidades excepcionais de estadista. Trata-se, para Otávio Tarquínio "do maior e do melhor livro de um grande mestre, talvez o ponto mais alto de nossa historiografia". Gilberto Amado, movido por evidentes ressentimentos (voto contra na Academia Brasileira de Letras), considerou-o o livro brasileiro mais mal escrito que já havia lido. No íntimo, acredito, gostaria de tê-lo assinado. O genial Euclides da Cunha não escondeu o entusiasmo, escreveu logo depois do monumental estudo histórico: "O meu *D. João VI* mandei-o encadernar na Imprensa Nacional. Li-o; e o crescendo que me referi em carta anterior, manteve-se até o fim. Vou relê-lo; e penso que até farei as pazes com o primeiro capítulo, tão brilhantes e admiráveis se me afiguram os demais. Não é minha esta opinião. Outros já lhe devem ter dito que o sucesso foi excepcional, e se o espírito nacional não estivesse tão escravizado a uma dolorosa e nefasta preocupação ... o efeito seria muito maior".

Oliveira Lima dá grande realce à figura de D. João VI. Não se trata do herói carlileano, fruto de excepcional capacidade de inteligência, vontade e caráter que o ponha acima das circunstâncias. Não o considerou um tipo de herói que pudesse se enquadrar no provérbio chinês: "O grande homem é

uma calamidade pública”, que abrisse o seu caminho de estadista com guerras, conquistas ou revoluções, à custa de sangue e ranger de dentes. Excepcional Sancho Pança. O D. João VI focalizado pelo historiador é o governante que faz época, constrói a paz e, mesmo depois de morto, a sua ação e as suas idéias guiam os acontecimentos. Modificou sem grandes violências. Fugindo, permanecia; negociando, preservava; não decidindo, enganava para bem do seu país; não pretendendo fazer história (quem sabe?), criou e fortaleceu uma nação. Na frase do próprio historiador: “Não era um gênio mas que tinha o senso comum que costuma faltar aos gênios”. O senso comum que faltou a Napoleão, Hitler e Mussolini, e que não faltou ao georgiano Stalin, ao fleugmático fumador de charutos, Winston Churchill, ao francês Charles De Gaulle.

Rigorosa ligação aos detalhes, condenada por alguns, deu um cunho verdadeiro a maior parte dos estudos históricos de Oliveira Lima. Se ele recorreu aos viajantes de maneira quase exaustiva, fez um trabalho muito mais convincente de exploração do que esses mesmos autores dos quais se socorrera. Acrescentou e esclareceu. Conseguiu, em alguns momentos, ajuntar, de maneira admirável, lógica e dados metuculosos à ficção, tornando tudo mais verossímel. Acreditava ele que o historiador podia ser um mentiroso mesmo apresentando documentos reais, datas exatas, ortodoxo cavalgador de arquivos. História não pode prescindir de interpretação. Segundo Oliveira Lima, há uma verdade maior do que a fadiga da organização caprichosa e paciente dos documentos históricos. Os seus livros são o último produto de uma época, de uma maneira de encarar os fatos da História. Uma época em que o ser humano procurava conquistar o mundo, domesticar o vapor e a eletricidade, colocando-os a seu serviço, enquanto a cultura, passo a passo, ia dominando a vida e o espírito do homem, que com atitudes heróicas forçava as profundidades do mar e as distâncias do céu. Ainda se podia falar em heróis, em grandes homens, em cultos da personali-

dade. (A época atual, no dizer de André Gide, só pode oferecer uma espécie de heroísmo: o da aceitação e da resignação).

Oliveira Lima é um historiador ao velho estilo, dos melhores do seu tempo. Apesar da rebeldia contra alguns poderosos, pode ser considerado, essencialmente, um conservador. Não deu — nem poderia dar — por tantas circunstâncias que o cercaram, o pulo até Marx. Era um burguês romântico, seduzido por idéias monárquicas, que encontrava justificativa para as tradições nacionais, procurando juntá-las a um sistema universal. Seduziu-lhe o nacionalismo japonês, o que havia de aristocrático e altivo, tanto no homem do povo como nos governantes. Talvez não deixasse de ser, ao seu modo, moderno, ao considerar, ainda, de forma idêntica a Hegel, a monarquia constitucional como obra dos tempos novos, e conciliar história e liberdade de modo permanente. O livro que escreveu com o título *Na Argentina*, quando estuda escritores, da mesma maneira que fez em relação à Venezuela, está dentro do conselho hegeliano: “A essência de uma nacionalidade só pode ser entendida se se relaciona com a história da literatura e da cultura da nação que se trata”.

No fim da vida, Oliveira Lima deixou-se vencer pelas tristes desilusões que pesavam sobre o seu coração. Já não podia mais mudar. O cabelo e o farto bigode já estavam brancos e os olhos cansados das intermináveis horas de leituras e pesquisas. Agora não havia mais a Londres do Barão de Penedo nem a Washington de Salvador Correia, os velhos mestres lisboetas, as amizades de Ulisses Viana, Euclides da Cunha e Joaquim Nabuco para dissipar as nuvens que obscureciam o futuro. O Barão do Rio Branco já abandonara a ribalta. Reconhecia que uma mentalidade militarista dominava os estudantes norte-americanos. Os anos haviam trazido dolorosas transformações. “Devo aos meus compatriotas”, diz Oliveira Lima, “algumas injustiças, mas também lhes devo a justiça, em geral, de nunca me terem reputado venal ou servil”. Uma de suas últimas vontades, a de que, se possível, D.

Flora repousasse, depois de morta, ao seu lado, foi comovedoramente cumprida. A pernambucana longe dos parentes, de sua terra, aguardou a morte nos Estados Unidos, para poder ficar ao lado do companheiro. Junto dele até o fim, representou, com certeza, em dignidade, fidalguia e desprendimento, o melhor de Pernambuco. Admiro, no que pesem as divergências, esse português de formação, cidadão do mundo em espírito, que tanto se esforçou para ser pernambucano e bem servir aos brasileiros. Sem constrangimento reconheço: não foi venal nem servil. Digo isto numa época em que, mais do que nunca, a venalidade e o servilismo se encontram em toda parte.